

Auto-apresentação, prática de bem-estar e ruptura social entre universitários usuários e não-usuários de maconha

Violeta Martins Ferreira

Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro

Edson A. de Souza Filho

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi verificar se o uso de maconha está associado a processos de busca de individuação, prazer /bem-estar e autonomia social. Adotamos como referencial a teoria das representações sociais segundo a qual indivíduos/grupos produzem conhecimentos/práticas para se emancipar de imposições sociais. Participaram sessenta universitários entre 17 e 30 anos, usuários (U) e não-usuários (NU) de maconha, aos quais aplicamos questionário sobre suas experiências prazerosas e desejos de vivências fora do padrão. Solicitamos que justificassem as respostas e, por fim, se auto-apresentassem da maneira que preferissem. As respostas foram analisadas tematicamente e submetidas a testes estatísticos. Constatamos que a auto-apresentação dos U caracterizou-se pelo acento inconformista sobretudo em termos sociais institucionais, enquanto que os NU mostraram-se mais convencionais nas mesmas situações. NU consideraram aceitável a vivência de práticas fora do padrão, mas manifestaram não ter vontade, enquanto U tenderam a afirmar/justificar experiências de ruptura social pelo menos parcial.

Palavras-chave: Maconha; representações sociais; auto-apresentação; convenções/rupturas sociais.

ABSTRACT

Well-being and social rupture among marijuana user versus non-users

The objective of this work was to verify if the use of marijuana is associated to search of individuation, pleasure/well-being and social autonomy processes. We adopted as reference the social representations theory, according to which individuals/groups produce knowledges/practices in order to emancipate themselves from social impositions. Sixty university students from 17 to 30 years old, marijuana users (U) and non-users (NU) took part in this research. We applied questionnaires with questions about their pleasure experiences and desire to live outside social conventions. They were requested to justify their answers and, finally, to self-introduce in a free way. Answers were thematically analyzed and statistically tested. We found that the U's self-introductions were characterized by an inconformist accent mainly in social institutional terms, while the NU showed a more conventional stance in the same situations. NU considered acceptable non conventional experiences, but manifested not to feel like having them, while U tended to assert/justify experiences of at least partial social rupture.

Keywords: Marijuana; social representations; self-introduction; social conventions/ruptures.

RESUMEN

Auto-presentación, prácticas de bienestar y ruptura social entre universitarios usuarios y no-usuarios de marihuana

El objetivo de este trabajo fue verificar si el uso de marihuana está asociado a procesos de búsqueda de individualización, placer/bienestar y autonomía social. Adoptamos como referencial la teoría de las representaciones sociales según la cual individuos/grupos producen conocimientos/prácticas para emanciparse de imposiciones sociales. Participaron sesenta universitarios entre 17 y 30 años, usuarios (U) y no-usuarios (NU) de marihuana en los cuales aplicamos cuestionarios sobre sus experiencias de placer y deseos de vivencia fuera de los padrones. Las respuestas fueron analizadas temáticamente y sometidas a testes estadísticos. Constatamos que la auto-presentación de los U se caracterizó por su acento inconformista sobretudo en términos sociales institucionales, mientras que los NU se mostraron más convencionales en la mismas situaciones. NU consideraron aceptable la vivencia de prácticas fuera del padrón, aunque manifestaron no tener ganas; los U tendieron a afirmar / justificar las experiencias de ruptura social al menos parcial.

Palabras clave: Marihuana, auto-presentación, convenciones/rupturas sociales.

INTRODUÇÃO

Droga ilícita mais consumida em todo o mundo, o total de usuários chega hoje a 160 milhões de pessoas segundo relatório da UNODC (2005). Entre os brasileiros, a maconha também é a preferida, de acordo com levantamentos periódicos realizados pelo Cebrid que, no entanto, constatam a permanência do maior consumo das substâncias lícitas – álcool e tabaco (Galduróz, Noto, Nappo e Carlini, 2004).

Sem dúvida um fenômeno psicossocial significativo, o uso da maconha reúne múltiplos aspectos da

nossa sociedade, regida com frequência por critérios incoerentes. Exemplo disso é a proibição do consumo de algumas drogas, simultânea à tolerância ou mesmo ao estímulo de outras, como ansiolíticos e antidepressivos que contribuem para a medicalização progressiva da sociedade (Bucher, 1996). O fato é ressaltado por inúmeros autores que apontam a necessidade de atenção especial aos riscos do álcool, não só a droga mais usada entre os jovens, mas aquela cujo abuso causa maiores danos (Stempliuk, Barroso, Andrade, Nicastrí e Malbergier, 2005; Rigoni, Oliveira, Moraes e Zambom, 2007).

Outra incoerência característica da cultura atual, também relacionada ao uso da maconha, é o estímulo ao consumismo que encerra em si as mesmas promessas de felicidade/fuga ao mal-estar proporcionadas pelas drogas (Bucher, 1986). Hoje já se fala na existência das *socioadicções* como uma das patologias emergentes da contemporaneidade, sobretudo entre os jovens: seriam comportamentos de natureza compulsiva, não associados ao uso de substâncias, mas a atos aceitos pela sociedade. Como exemplos, podemos citar a compulsão às compras, considerada por alguns um vício com características semelhantes às dependências químicas ou à adicção à internet (Young, 1996).

Através da imposição de controles sociais formais e informais, também voltados para tópicos como a sexualidade, o uso da maconha é alvo de repressão, embora em boa parte das vezes represente apenas um rito de passagem (Schulemberg, Merline, Johnston e O'Malley, 2005) dentro do processo de formação, traduzindo uma reação à normatividade social mediada pelas instituições familiares, religiosas e culturais.

O consumo da maconha por parte de adolescentes/jovens tem sido objeto de inúmeras pesquisas que focalizam características individuais psicologizantes, deixando de lado com frequência os aspectos socioculturais e psicossociais associados. A transição entre a juventude e a idade adulta constitui uma etapa crítica que costuma envolver a experimentação de atitudes e hábitos considerados comportamentos problemáticos – o que algumas vezes significa apenas que são indesejáveis por fugir aos padrões usuais da sociedade (Pimentel, Gouveia e Vasconcelos, 2005; Pavani, Silva, Moraes e Chiaravalloti Neto, 2007). Até o caráter desviante com que são rotulados certos comportamentos, em boa parte das vezes, não é função da natureza do ato cometido mas, sobretudo, da violação das regras impostas arbitrariamente por grupos sociais (Becker, 1971).

Afinal, a busca da independência, autonomia e identidade, característica desse período, enquanto processo de exploração de novas práticas, pode incluir o uso de drogas, lícitas ou ilícitas, antes da escolha pelo jovem de um modo de vida que tenha realmente a ver com os próprios valores. Nesse sentido, a não-conformidade em relação às normas sociais, a tendência a comportamentos imprudentes/arriscados e o consumo frequente de drogas, lícitas ou ilícitas, parecem correlacionar-se também ao uso de tatuagens e piercings. Algumas hipóteses levantadas sobre esse assunto foram confirmadas em estudo realizado com uma amostra de trezentos universitários norte-americanos, de ambos os sexos, portando ou não modificações corporais (Forbes, 2001). Para alguns autores trata-se de uma prática realizada de maneira impulsiva, com fre-

quência sob efeito de drogas. No entanto, a maioria das pesquisas sistemáticas contemporâneas considera tatuagens e piercings como expressões de sedução e afirmação da própria individualidade (Kosut, 2006).

No que se refere especificamente à maconha, é uma prática que exige uma aprendizagem. É preciso antes de tudo conhecer a técnica, caso contrário o indivíduo pode nem sequer chegar a ver a maconha como um objeto de prazer. Há necessidade de reconhecer os efeitos e associá-los ao uso, aprendendo a gostar das sensações percebidas e a evitar sintomas desagradáveis por meio da identificação dos próprios limites ao fumar. Importante também é conseguir se controlar diante de não-usuários – todo um aprendizado que exige o contato com usuários mais experientes (Becker, 1971). A prática de fazer passar o *baseado* de mão em mão, característica das chamadas *rodas de fumo*, numa experiência de partilha íntima com o grupo de iguais, contribui para o desenvolvimento de uma cultura comum. Cultura esta bastante atraente, particularmente para os jovens, por incluir sentimentos de cumplicidade e pertencimento, além de valores, gostos e crenças semelhantes e, muitas vezes, até uma linguagem própria. Através da participação em grupos de usuários, o jovem desenvolve interesses em comum, formando uma subcultura organizada em torno daquela atividade particular. Numa época em que o indivíduo está em busca do próprio eu, tentando separar-se dos pais, isso acaba contribuindo para a formação da sua identidade social.

Adotamos como referencial básico para este trabalho a teoria das representações sociais de Moscovici (1978), numa interface entre a psicologia e a sociologia, tendo em vista o quanto a realidade social pode assumir diferentes características dependendo da forma como é representada. O próprio autor cita como exemplo o uso de drogas, que nos pode parecer bastante diferente se é visto como herança genética, sintoma de ruptura familiar, tradição cultural ou substância usada num ritual grupal (Moscovici, 1988).

Conforme assinala Jodelet (1989), as representações sociais devem ser estudadas num contexto cultural-histórico, articulando-as a aspectos mentais, afetivos e sociais. Esse foi nosso propósito, considerando que a pesquisa pode ser um instrumento útil para lidar com questões importantes da atualidade como o uso de maconha entre jovens. Mais especificamente, procuramos estabelecer possíveis conexões entre os grupos que assumem (ou não) o consumo de maconha e outras vivências psicossociais, tais como: auto-representações, práticas de lazer que proporcionam prazer/bem-estar no dia-a-dia e formas de fugir às normas/padrões socioculturais.

Nossa hipótese é que o consumo regular e/ou esporádico de maconha faça parte de um conjunto de eventos relacionados à consolidação do indivíduo na sociedade. Ou seja, consideramos insuficiente uma abordagem que restrinja o fenômeno do consumo de maconha e outras drogas a condutas coletivas que se iniciam na juventude. De fato, existe a difusão e ampliação do consumo de drogas na sociedade atual, em parte relacionadas ao estresse que decorre das exigências de produtividade e de outras fontes de tensão social e urbana. Contudo, há outro conjunto de fenômenos relacionados, seja à solidão forçada da vida atual, seja à indiferenciação e desindividuação das relações sociais, que, no limite, levam à busca de transgressão de padrões socioculturais.

Assim, alguns eventos socioculturais e históricos são importantes para compreendermos o modo como cada grupo psicossocial pode inserir-se no consumo de maconha. A idéia é que mesmo os não-usuários de maconha são consumidores em potencial e o modo típico de este grupo buscar a experiência da droga é usá-la como instrumento de mediação para efetivar relacionamentos interpessoais, conforme observado por Becker entre os que se iniciavam no uso da droga nos anos cinquenta/sessenta nos EUA.

Tal deve ser ainda hoje o motivo principal de práticas de consumo de drogas legais como a cerveja. É possível que um usuário esporádico de maconha esteja buscando transpor certos tipos de relacionamento interpessoal, basicamente familiar, para outros contextos sociais como o de redes de sociabilidade entre amigos ou conhecidos, em forma de novos grupos de dimensões menores na sociedade, com o propósito de aumentar autonomia e/ou quebrar certa rotina cotidiana.

Em contraste, supomos que os usuários de drogas ilegais de hoje, apesar da variedade existente, procuram certa diferenciação social e, mesmo, romper parcialmente com padrões socioculturais convencionais da sociedade, merecendo um tratamento específico. Em geral, tal grupo compõe-se de indivíduos que consideram insuficientes as formas de representação e prática mais correntes oferecidas pela sociedade para a realização pessoal, levando-os a buscar autoafirmação em outros setores da vida, tais como os relacionamentos interpessoais, nas suas experiências minoritárias reformistas. A questão é que, para muitos setores da sociedade, esse tipo de postura ou de busca tem menos oportunidades de realização/reconhecimento, implicando em mal-estar e maior risco de marginalização dos usuários de maconha.

Sabemos que tem aumentado a preocupação a respeito do indivíduo, no âmbito das ciências sociais. Mas há certa tendência de considerá-lo como fenômeno

no social que ganhou vulto na vida atual. Já a psicossociologia, pretende articular as dimensões individuais e sociais (Moscovici, 2003) a partir de observação de práticas e representações que emergem nos contextos sociais (Goffman, 1985; Farr, 1992) como é a situação de consumo de maconha. Segundo Goffman (1985), a representação do eu mais rotineira giraria em torno de conteúdos ligados primariamente às expectativas sociais mais gerais e particulares a cada contexto, entre as quais estão a inserção do sujeito em categorias coletivas, como as usadas pelos censos e registros demográficos oficiais, e o investimento na vida interpessoal convencional, como é o caso da vida familiar, e, enfim, a afirmação do eu, sobretudo no ambiente de classe média universitária. Já os consumidores de maconha tenderiam a representar o eu mais inserido em grupos de menores dimensões e reconhecimento na sociedade, assim como interagindo de modo mais afirmativo nos vários ambientes sociais.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa exploratória descritiva com o objetivo de identificar as relações entre práticas de lazer e auto-apresentação entre universitários, usuários ou não.

Participaram da pesquisa sessenta jovens entre 17 e 30 anos, de ambos os sexos. Optamos por uma amostra de universitários tendo em vista a sua faixa etária, tida como consumidora por excelência de maconha, dentre as drogas ilícitas (Johnston, O'Malley e Bachman, 1987; Carlini, Carlini-Cotrin, Silva Filho e Barbosa, 1989; 1990; Galduróz, Noto, Nappo e Carlini, 2004; Pinsky e Bessa, 2004).

Neste trabalho, foram considerados usuários os que de fato consumiam maconha na época da pesquisa. Os não-usuários incluíram aqueles que nunca experimentaram maconha e também os que tiveram experiências eventuais, descontinuadas por decisão própria.

A coleta dos dados foi realizada no campus de uma universidade pública e seguiu os critérios éticos de pesquisa científica. Os participantes foram contatados ao acaso nos espaços abertos do estabelecimento, sendo-lhes entregues diretamente os questionários, que continham um total de cinco perguntas abertas: duas questões específicas (se usa/usaria a droga); dois tópicos mais genéricos (atividades diárias que proporcionam prazer/desejos já sentidos ou não de fugir à norma); por último, solicitamos aos participantes que se auto-apresentassem, descrevendo a si próprios.

Os questionários foram complementados por dados pessoais incluindo idade, sexo, escolaridade do pai e da mãe etc. Assim, podemos observar a existência de maior número de usuários homens (59%) contra

uma maioria de mulheres não-usuárias (65%). Idade média semelhante entre usuários (22 anos) e não-usuários (21 anos), alunos de diversos cursos – Economia, Ciências Contábeis, Comunicação Social, Psicologia, Serviço Social, Pedagogia, Direção Teatral. A grande maioria dos usuários mora na Zona Sul do Rio de Janeiro (80%), com maior poder aquisitivo presumido. O nível de escolaridade dos pais é mais alto: 41% das mães de usuários têm curso superior contra 26% entre os não-usuários, grupo em que predominam mães com ensino médio (55%). Pode-se supor que o ambiente de mais alto nível cultural proporcione maiores exigências e vivências de estresse entre usuários. Contudo, esse aspecto em particular não foi aprofundado no presente estudo.

Tratamos as respostas ao questionário por meio de técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 2000) com a interpretação e a categorização em unidades temáticas de significados comuns. Os resultados foram dispostos em tabelas de frequência e percentagem, tendo sido aplicados testes de qui-quadrado.

RESULTADOS

A seguir, relacionamos as principais categorias temáticas destacadas nas respostas ao questionário, com sua descrição e exemplos de conteúdos mais representativos, seguidos da identificação dos participantes (U = usuários; NU = não-usuários; f = sexo feminino; m = sexo masculino; idade).

Na primeira pergunta do questionário – usa/usaria maconha? – solicitamos aos participantes que justificassem suas respostas positivas ou negativas: além de permitir identificar usuários e não-usuários, possibilitou reunir conteúdos favoráveis ou não à experimentação eventual da droga. Alguns exemplos: “*não apresenta nenhum benefício pra mim*” (NU, f, 22); “*ela não é necessária para que haja felicidade*” (NU, f, 17); “*tenho apreço pelo meu corpo e amor à minha vida*” (NU, m, 18); “*tenho vontade de experimentar, mas tenho medo de gostar*” (NU, f, 21); “*tenho certeza de que não quero ficar viciado nunca!*” (NU, m, 19).

Na auto-apresentação, a categoria temática *indivíduo* engloba traços pessoais físicos ou psicológicos, que podem nos distinguir dos demais, tais como “*um pouco tímido*” (U, m, 20); “*grande e barbudo*” (U, m, 22); “*determinada*” (NU, f, 18); “*sério*” (NU, m, 22).

Relações interpessoais convencionais mostram o indivíduo em situações sociais reguladas pelas normas, tais como “*apaixonada pelos amigos e familiares*” (NU, f, 18); “*gosto de ajudar pessoas*” (NU, f, 21); “*responsável e honesta*” (NU, f, 21). Por sua vez, *relações interpessoais afirmativas* remetem a interações

marcadas pelo enfrentamento, pela competição ou pela iniciativa, com o emprego de certa retórica afirmativa: “*carismática*” (U, m, 20); “*que gosta de conversar e conhecer novas pessoas*” (U, m, 27).

A categoria temática *sociedade/resistência/mudança* refere-se à busca de expressões/atividades não-convencionais, tendo em vista participar/transformar a vida individual/social: “*Subverter as ordens sociais. Esgarçá-las...*” (U, m, 29); “*sempre buscando aprender com a vida e as pessoas*” (U, f, 18); “*luta pela liberdade*” (U, f, 18). Já *sociedade participação/mobilização coletiva* reporta-se à participação em atividades sociais acessíveis a qualquer indivíduo/grupo, em geral as categorias oficiais usadas pelo IBGE, sem referência a grupos particulares: “*jovem, solteiro*” (U, m, 22); “*estudante*” (U, m, 21); “*sou uma jovem brasileira*” (U, f, 21).

Em relação à pergunta sobre práticas que proporcionam prazer/bem-estar no dia-a-dia, a categoria temática *atividades sócio-recreativas* remete a programas como ir ao cinema ou à praia, que tanto podem ser realizados pelo indivíduo sozinho ou acompanhado. Já *interação entre pares*, como diz o nome, exige a companhia de outros: por exemplo, sair com amigos, ir a festas, dançar, bater papo.

A categoria *drogas sociáveis* engloba o uso de drogas lícitas e ilícitas, incluindo o tabaco e bebidas alcoólicas de modo geral. O tema *sexo* relaciona conteúdos de caráter explícito como: “*mulheres*” (U, m, 29); “*SEXO!*” (U, f, 21); “*masturbação, sexo, ou qualquer coisa que libere adrenalina*” (U, m, 28). Já *namoro* remete a conteúdos mais implícitos dos relacionamentos amorosos, tais como “*namoro*” (NU, m, 30); “*beijar na boca*” (NU, f, 17). Quanto ao tema *atividades intelectuais*, abrange práticas que podem servir de estímulo à mente, tais como “*pensar, refletir*” (U, m, 21); “*pinto*” (U, f, 21); “*faço poesia*” (U, f, 21).

No que diz respeito à atividade física, a categoria *esportes coletivos* inclui algum tipo de relacionamento social – como é o caso do futebol, do vôlei ou da capoeira – enquanto que *exercícios físicos* remetem a práticas mais individuais – correr, malhar, andar na praia.

Os conteúdos expressos em *lazer/repouso doméstico* relacionam-se com o prazer proporcionado por atividades desenvolvidas em casa: “*música e internet*” (NU, m, 17); “*ficar em casa descansando*” (NU, f, 22); “*vejo televisão*” (NU, f, 17). Por sua vez, a categoria *interações afirmativas* faz alusão a práticas prazerosas singulares com certo sentido implícito afirmativo. Por exemplo: “*sempre ter uma meta*” (NU, f, 22); “*debocho das coisas*” (U, f, 21); “*me divirto*” (U, f, 25).

Por fim, o tópico sobre fantasias/desejos de fugir à norma e ter novas experiências. Na categoria temática *anticonvencionalismo/ruptura*, usuários e não-usuários de maconha falam sobre suas vivências, reais ou apenas imaginadas, de quebra das convenções: “*sou do Santo Daime*” (U, m, 24); “*vegetariano, uso brincos, roupas largas*” (U, m, 22); “*sexo grupal*” (U, m, 27); “*sou bissexual*” (U, m, 24); “*pintar o cabelo de vermelho*” (NU, f, 22); “*roupas que a maioria julga transgressoras*” (NU, f, 22); “*uso tatuagens, piercings e adoro comer algo exótico...*” (NU, m, 20); “*viajar por lugares exóticos*” (NU, m, 19).

Desejo/natural remete à vontade de fugir aos padrões como uma vivência normal, enquanto que *falta vontade/interesse* expressa a motivação ou não por novas experiências. Aqui, alguns exemplos: “*acho que todos que estão sempre no padrão têm essa vontade*” (NU, f, 23); “*faz parte da juventude*” (NU, m, 19); “*não sou muito dada a mudanças*” (NU, f, 19); “*já senti vontade*” (NU, m, 17); “*morro de vontade*” (NU, f, 22); “*nunca tive vontade*” (NU, m, 22); “*sempre tive a crença forte de que tudo isso faz mal*” (NU, f, 22); “*gosto de minha vida como ela é*” (NU, f, 19); “*não me interessa pelas coisas citadas*” (NU, m, 18).

A categoria *afirmação/ideologia/bem-estar* associa a vivência de experiências não-convencionais com auto-afirmação, filosofia de vida e prazer: “*apenas me sinto bem assim*” (U, m, 22); “*sempre estou buscando, mais por ideologia*” (U, f, 23); “*são opções de cada um*” (U, f, 22); “*roupas para mim é questão de conforto*” (U, m, 20).

Experiência de vida refere-se à valorização de práticas não-usuais: “*p/sabermos do que gostamos temos que experimentar tudo*” (U, f, 20); “*gosto de experimentar coisas diferentes, pessoas diferentes, enfim experimentar a vida*” (U, m, 29). Já *normas sociais como critério* remete à norma como referencial básico de vida: “*não me considero fora da normalidade*” (U, m, 22); “*sempre quis fugir à normalidade*” (U, f, 21); “*às vezes, é muito cansativo ser padronizada, igual a todo mundo*” (U, f, 25).

Aventura/sensação de liberdade/vida reúne temas relacionados com a busca de sensações/risco, associando a fuga aos padrões a estar vivo/livre: “*pegar o carro e pôr o pé na estrada*” (NU, f, 22); “*pular de pára-quadras, bunny jump, rappel e outros esportes radicais*” (U, m, 21); “*livre p/fazer o que quiser*” (U, m, 23); “*me faz sentir viva*” (U, f, 21). Ao contrário, a categoria *riscos da experiência/medo* reporta-se à consideração das conseqüências: “*só a título de experiência*” (NU, m, 20); “*se der coragem, faço*” (NU, f, 17).

As respostas à primeira pergunta do questionário – se os não-usuários, eventualmente, experimentariam maconha – renderam um total de noventa conteúdos: 20% enfatizaram que não usariam a droga, enquanto que 10% expressaram falta de motivação/desinteresse. As justificativas apresentadas mostraram-se bastante variadas, destacando-se de forma expressiva o item curiosidade/busca de sensações, que denota o interesse em experimentar as sensações proporcionadas pela maconha, acompanhado em algumas respostas pela falta de coragem/medo das conseqüências.

Apresentamos a seguir os resultados mais expressivos das tabelas. É importante lembrar que os valores constantes não se referem ao número de respostas, mas à soma de conteúdos nelas encontrados durante a nossa análise.

A Tabela 1 focaliza a auto-apresentação.

TABELA 1
Auto-apresentação de usuários e não-usuários de maconha

Temas	Usuários		Não-usuários	
	F	%	F	%
Indivíduo	79	46,6	74	47,7
Rel. Interp. Convencionais	37	21,7	43	27,7
Rel. Interp. Afirmativas	14	8,2	12	7,7
Sociedade/conformidade	9	5,2	8	5,1
Sociedade/resist./mudança	19	11,1	8	5,1
Mobilização Coletiva	12	7,0	10	6,4
Total	170	100	155	100

$$\chi^2 = 4,807; \text{gl} = 5; p = 0,4398$$

Usuários e não-usuários de maconha enfatizam igualmente a categoria indivíduo (U = 46,6%; NU = 47,7%) relativa aos sinais físicos ou psicológicos mais distintivos. Quanto às diferenças observadas, NU focalizam de forma preponderante as relações interpessoais convencionais: em comparação com o outro grupo, citam mais as situações de interação reguladas pelas normas sociais (U = 21,7%; NU = 27,7%).

No outro extremo, U apresentam o dobro dos conteúdos que dizem respeito à busca de expressões não-convencionais que têm por finalidade transformar sua vida individual/social – sociedade/resistência/mudança (U = 11,1%; NU = 5,1%). Há algumas diferenças intergrupais, ainda que menores, quanto às relações interpessoais afirmativas e a participação em grupos sociais. Contudo, no quesito conformidade social, ambos os grupos mostram tendências semelhantes.

A Tabela 2 focaliza as atividades desenvolvidas no dia-a-dia por U e NU tendo em vista proporcionar prazer/bem-estar a si próprios.

TABELA 2
Práticas de bem-estar de usuários e não-usuários de maconha.

Tema	Usuários		Não-Usuários	
	F	%	F	%
Ativid. sócio-recreativas	27	22	22	20,8
Interação entre pares	21	17,1	20	18,9
Ativid. Intelectuais	17	13,8	12	11,3
Drogas sociáveis	15	12,2	1	0,9
Esportes coletivos	11	8,9	7	6,6
Sexo	10	8,1	1	0,9
Namoro	6	4,9	9	8,5
Exercícios físicos	5	4,1	76,6	6,6
Busca espirít./bons sentimentos	3	2,4	3	2,8
Alimentação/saúde	3	2,4	4	3,8
Interações afirmativas	3	2,4	8	7,6
Lazer/repouso doméstico	2	1,6	12	11,3
Total	123	100	106	100

$\chi^2 = 31,301$; gl = 11; $p < 0,0010$

Ambos os grupos expressam conteúdos similares no que concerne às atividades socio-recreativas, o mesmo acontecendo com o item relativo à interação entre pares. De acordo com os resultados, são as atividades preferidas pelos jovens, independente do uso ou não de drogas. Quando se consideram as diferenças entre os dois grupos, a categoria que mais se destaca, como seria de se esperar, refere-se às drogas sociáveis (lícitas e ilícitas), cujos conteúdos sobressaem entre usuários. No entanto, as atividades intelectuais aparecem como maior fonte de prazer dos U, acima das drogas.

Como outra atividade prazerosa os usuários dão ênfase ao sexo que, entre não-usuários, é substituído predominantemente pelo tema namoro: os conteúdos são semelhantes, referindo-se aos relacionamentos amorosos, constituindo talvez a maior diferença a linguagem adotada pelos NU, bem menos explícita.

Outra diferença diz respeito à atividade física: usuários de maconha dão preferência aos esportes coletivos, que incluem a interação com os demais, enquanto que não-usuários privilegiam exercícios físicos, de caráter mais individual. No entanto, NU parecem mesmo ter mais prazer dentro de casa, como demonstram os conteúdos da categoria lazer/repouso doméstico, citados quase sete vezes mais por esse grupo.

A Tabela 3 focaliza o desejo (ou não) de romper com as convenções sociais.

Anticonvencionalismo/ruptura fala da prática, real ou imaginada, da quebra dos padrões e merece destaque em ambos os grupos. A vontade de fugir aos padrões/experimentar coisas diferentes é apontada duas

vezes mais por não-usuários, em contraste com o desinteresse em ter novas experiências, também manifestado pelo mesmo grupo.

TABELA 3
Fuga aos padrões entre usuários e não-usuários de maconha.

Temas	Usuários		Não-usuários	
	F	%	F	%
Anticonvencionalismo/Ruptura	33	33,7	33	29,7
Afirmação/Ideologia/Bem-estar	14	14,3	9	8,1
Experiência de vida	13	13,3	6	5,4
Normas sociais como critério	13	13,3	11	9,9
Desejo/natural	8	8,2	19	17,1
Aventura/sensação liberdade/vida	8	8,2	3	2,7
Riscos da experiência/medo	4	4,1	6	5,4
Desligam. realidade/problemas	4	4,1	4	3,6
Não	1	1	7	6,3
Falta vontade/interesse	0	0	13	11,7
Total	98	100	111	100

$\chi^2 = 27,786$; gl = 9; $p < 0,0010$

Os U ressaltam a categoria afirmação/ideologia/bem-estar. Da mesma maneira, o valor da experiência de vida é mais acentuado pelos usuários, assim como a categoria normas sociais como critério, que inclui referências positivas/negativas às convenções sociais, enfatizada com um 1/3 a mais de conteúdos.

Também predominante entre usuários, o item aventura/sensação de liberdade/vida reúne temática referente à busca de atividades de risco, enquanto que a categoria riscos da experiência/medo, relativa ao temor das conseqüências, é especialmente salientada por não-usuários.

DISCUSSÃO

Os perfis psicossociais de usuários e não-usuários apontam para a visão do próprio corpo como básica para o entendimento das representações sociais sobre a maconha por parte dos jovens. Indo um pouco além, a questão parece estar inserida num contexto maior, das diferentes concepções sobre como a vida deve ser vivida. Ou seja, a teoria das representações sociais supõe que na sociedade atual os indivíduos e grupos se constituem a partir da construção de pensamentos e ações visando metas sociais, num dinamismo que implica diferenciação, busca de autonomia e delimitação de fronteiras sociais.

Sabemos que as práticas culturais na transição histórica compõem-se de conteúdos convencionais mais hegemônicos na sociedade tais como os que derivam das instituições familiares, educacionais, estatais etc.

Face à realidade mais ou menos imposta através de representações sociais hegemônicas, surgem representações sociais não-convencionais que eventualmente buscam construir um ambiente psicossocial onde representações sociais de emancipação possam tornar-se realidade.

Caracterizada pela massificação, pelo consumismo e pela competitividade, a sociedade contemporânea prioriza as instituições em detrimento do indivíduo autônomo, atuando como um rolo compressor sobre a subjetividade (Bucher, 1986). Como ressalta Foucault (1977) o homem é submetido aos mecanismos de poder disciplinar necessários à manutenção da sociedade capitalista e valorizado, sobretudo, como instrumento de produção. Assim, torna-se forçoso um processo de progressiva especialização, com a imposição de superexigências aos jovens, como parte de sua preparação para a entrada no mundo adulto.

Frente às crescentes tensões emocionais, a maconha aparentemente seria a resposta mais fácil diante das demandas contraditórias de autonomia/independência e as pressões em direção a comportamentos normativos. É o que dá a entender a representação predominante da maconha como fonte de prazer, relaxamento e bem-estar, que acreditamos estar também vinculada ao estresse a que os jovens são submetidos social e culturalmente. Inúmeras pesquisas relatam o papel desempenhado nesse sentido não só pela maconha e pelo álcool (McCormack, Laybold, Dickerman e Budd, 1993) como também pelo tabaco (Siqueira, Diab, Bodian e Rolnitzky, 2000).

Entretanto, parece existir algo mais. A ênfase dada pelos usuários de maconha aos efeitos de alteração/expansão da consciência e de ampliação da autopercepção sugere a emergência de uma experiência subjetiva de fruição do prazer corporal e de auto-estimulação mental, num tipo de ética hedonista que pode ser pensada como algo da modernidade. O hedonismo corporal manifestado pelos usuários de maconha envolveria a experiência de contato mais íntimo consigo mesmo e com as próprias sensações, como uma forma de desenvolvimento do ego e de enriquecimento individual, numa busca, ao que parece, de individuação. Confirmando essas hipóteses, nas respostas dos usuários sobre as atividades prazerosas do dia-a-dia, voltam a aparecer o hedonismo e a estimulação mental/cognitiva através da busca de atividades intelectuais (estudar, ler, pintar, fazer poesia), da prática do sexo, possivelmente também com valor catártico, e do consumo de drogas lícitas/ilícitas.

No outro extremo, os não-usuários expressam uma visão funcional do próprio corpo, vivenciado como uma máquina/instrumento de saúde física, uma vez que para este grupo tratar-se-ia antes de tudo de seguir

certas convenções sociais institucionalizadas. Por exemplo, enquanto usuários se referem à prática sexual de maneira mais direta e voltada para o prazer (“sexo”, “mulheres”), não-usuários preferem falar em *namoro* – que sugere, entre outros conteúdos, a busca de relações mais estáveis e convencionais. Nesse sentido, as sensações de prazer/relaxamento são importantes para os não-usuários, ainda que sejam frutos de uma idealização, já que não têm a experiência do uso da maconha.

Quanto às atividades prazerosas do dia-a-dia, não-usuários parecem se satisfazer com um lazer mais doméstico. Pelos seus relatos, extraem prazer de simplesmente ficar em casa, seja repousando, dormindo, seja jogando no computador ou vendo televisão: atividades que promovam maior estímulo intelectual/sensorial são menos mencionadas por esse grupo.

Uma pesquisa realizada entre estudantes franceses evidenciou uma nítida correlação positiva entre as atividades de lazer e o consumo de maconha. A visita à casa de amigos proporcionaria maiores oportunidades para comportamentos desviantes, em ambos os sexos, sendo freqüente em usuários regulares. Já aqueles que preferem sair para programas mais variados costumam ser usuários mais ocasionais (Peretti-Watel e Lorente, 2004).

Embora os não-usuários façam questão de salientar seu desinteresse e suas convicções contrárias ao uso da maconha (vicia, prejudica a saúde, ameaça a vida), eles evidenciam ao mesmo tempo uma grande ambivalência em suas atitudes, muitas vezes associadas ao medo das conseqüências. Isso pode ser facilmente constatado na curiosidade demonstrada por novas experiências/sensações e no desejo manifestado, e considerado por eles natural, de romper com os padrões vigentes.

Por sua vez, os usuários enfatizam o não-convenionalismo como afirmação de si, ideologia e bem-estar, além de experiência de vida que propicia o sentir-se livre, vivo, aventurar-se. Já a não-conformidade em relação às normas sociais, a tendência a comportamentos imprudentes/arriscados e a freqüência no uso de drogas, lícitas ou ilícitas, parecem correlacionar-se de alguma forma ao uso de tatuagens e piercings. Com efeito, a literatura especializada psicológica e, sobretudo, médico-legal faz menção às modificações corporais como sintomáticas de algum tipo de patologia, embora pesquisas contemporâneas considerem-nas expressões de sedução e de auto-afirmação – conteúdos bastante mencionados, diga-se de passagem, pelos participantes de nosso estudo.

No entanto, percebemos certas incoerências/inconsistências no discurso dos usuários que algumas vezes parecem querer mostrar-se mais anticonvencionais,

liberados e modernos do que o são na realidade. Por exemplo, as alusões feitas ao uso de piercings e tatuagens como comportamentos de ruptura às convenções sociais parecem fazer parte de um universo bastante conservador: essas modificações corporais correspondem, por sinal, a desejos/fantasia externados repetidamente por não-usuários. Talvez a grande diferença entre os dois grupos seja que os últimos permanecem na fantasia, que não é materializada de modo geral por falta de coragem, medo das conseqüências etc.

Embora ambos os grupos de jovens procurem investir em si próprios, como parece demonstrar sua auto-apresentação ao enfatizar a categoria temática indivíduo, não-usuários distinguem-se pelo convencionalismo e pela conformidade, em interações sociais consoantes com as normas vigentes. Diferentemente, os usuários destacam-se por expressões não-convencionais, em interações marcadas pelo enfrentamento, pela competição e pela iniciativa, tendo como meta a transformação individual/social.

Apesar disso, a individuação buscada através do consumo de maconha, ao que tudo indica, é vivida de forma ainda metafórica. Aparentemente, os usuários vivenciam a liberdade individual de maneira mais imaginária que real. Prova disso, a nosso ver, são as menções constantes, mesmo que desfavoráveis, às normas sociais, que parecem demonstrar o quanto estas continuam presentes como referencial de vida, não tendo sido concretizadas na realidade nem a individuação pretendida, nem a ruptura desejada com a moral vigente. Daí, talvez, a busca das atividades intelectuais, que representariam um meio de fortalecer o ego, possibilitando um espaço pessoal de liberdade.

Podemos concluir, com base nos resultados encontrados, apesar das limitações da amostra, que existe toda uma situação histórica e sociocultural atrativa ao uso/abuso de drogas de todo tipo. Para se contrapor a essa situação, há que promover o fortalecimento de indivíduos e grupos a partir de experiências de auto-regulação, com a adoção de micro e macropolíticas que permitam oferecer oportunidades de lazer e bem-estar em ambientes mais livres de convenções e estigmas sociais.

REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (2000) *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Becker, H. (1971) *Los Extraños: Sociología de la desviación*. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo.
- Bucher, R. (1986) O consumo de drogas: evoluções e respostas recentes. *Psicologia, Teoria e Pesquisa*, 2, 2, 132-144.
- Bucher, R. (1996). *Drogas e Sociedade nos Tempos da AIDS*. Brasília: UnB.
- Carlini, E.A., Carlini-Cotrin, B.H., Silva Filho, A.R., & Barbosa, M.T.S. (1989). *Consumo de drogas psicotrópicas no Brasil em 1987*. Brasília, DF. Ministério da Saúde/Ministério da Justiça.
- Carlini, E.A., Carlini-Cotrin, B.H., Silva Filho, A.R., & Barbosa, M.T.S. (1990). *II Levantamento nacional sobre uso de psicotrópicos em estudantes do 1º e 2º Graus*. São Paulo, Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. CEBRID/Escola Paulista de Medicina.
- Farr, R.M. (1992). Individualism as a collective representation. In V. Aebischer, J.P. Deconchy, E.M. Lipiansky (Orgs.). *Idéologies et représentations sociales*. Fribourg: Del val.
- Forbes, G.B. (2001). College students with tattoos and piercings: motives, family experiences, personality factors, and perception by others. *Psychological-Reports*, 89, 3, 774-786.
- Foucault, M. (1977). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- Galduróz, J.C.F., Noto, A.R., Nappo, S.A., & Carlini, E.A. (2004). Trends in drug use among students in Brazil: analysis of four surveys in 1987, 1989, 1993 and 1997. *Braz J Med Biol Res*, 37, 523-531.
- Goffman, E. (1985) *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- Jodelet, D. (1989) Représentations sociales: un domaine en expansion. In: D. Jodelet (Org.). *Les Représentations Sociales*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Johnston, L., O'Malley, P.M., & Bachman, J.G. (1987). Psychotherapeutics, licit and illicit use of drugs among adolescents. An epidemiological perspective. *J. Adolesc. Health Care*, 8, 36-51.
- Kosut, M. (2006). Mad Artists and Tattooed Perverts: Deviant Discourse and the Social Construction of Cultural Categories. *Deviant Behavior*, 27, 1, 73-95.
- McCormack, A.S., Laybold, A.M., Dickerman, N.J., & Budd, C.F. (1993). Stress, and Substance Use: Student Attitudes toward Alcohol, Marijuana and Cocaine. *College Student Journal*, 27, 2, 215-222.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of Social Representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Pavani, R.A.B., Silva, E. de F., Moraes, M.S. de, & Chiaravalloti Neto, F. (2007). Caracterização do consumo entre escolares do ensino médio de São José do Rio Preto, SP, Brasil, 2003. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 10, 2, 157-67.
- Peretti-Watel, P., & Lorente, F.O. (2004). Cannabis use, sport practice and other leisure activities at the end of adolescence. *Drug Alcohol Depen*, 73, 3, 251-7.
- Pimentel, C.E., Gouveia, V.V., & Vasconcelos, T.C. (2005). Preferência musical, atitudes e comportamentos anti-sociais entre estudantes adolescentes: um estudo correlacional. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 22, 4, 403-413.
- Pinsky, I., & Bessa, M. (2004). *Adolescência e drogas*. São Paulo: Contexto.
- Rigoni, M. dos S., Oliveira, M. da S., Moraes, J.F.D. de, & Zambom, L.F. (2007). O consumo de maconha na adolescência e as conseqüências nas funções cognitivas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 12, 267-275.
- Siqueira, L., Diab, M., Bodian, C., & Rolnitzky, L. (2000). Adolescents Becoming Smokers: The Roles of Stress and Coping Methods. *Journal of Adolescent Health*, 27, 399-408.
- Schulenberg, J.E., Merline, A.C., Johnston, L.D., & O'Malley, P.M. (2005). Trajectories of marijuana use during the transition to adulthood: The big picture based on national panel data. *Journal of Drug Issues*, 35, 2, 255-279.
- Stempliuk, V.A., Barroso, L.P., Andrade, A.G., Nicastri, S., & Malbergier A (2005). Comparative study of drug use among

undergraduate students at the University of São Paulo – São Paulo campus in 1995 e 2001. *Rev Bras Psiquiatr*, 27, 3, 185-93.

UNODC (2005). *World Drug Report*. Disponível na internet via <http://www.unodc.org/unodc/worlddrug.report.html>. Acessado em nov/2005

Young, K.S. (1996). Psychology of computer use: XL. Addictive use of the Internet: A case that breaks the stereotype. *Psychological Reports*, 79, 899-902.

Recebido em: 01/10/2006. Aceito em: 02/04/2008.

Autores:

Violeta Martins Ferreira – Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Especialização em Dependência Química. Psicóloga da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

Edson A. de Souza Filho – Doutor em Psicologia Social pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ.

Endereço para correspondência:

VIOLETA MARTINS FERREIRA
Rua Almirante Alexandrino, 3196
CEP 20241-266, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
E-mail: violetaferreira@hotmail.com